

Intervenção de Isabel Hub Faria na mesa redonda sobre Interdisciplinaridade



À memória dos Professores Fernando de Mello Mozer e Jacinto do Prado Coelho. E, também, ao Professor Luis F. Lindley Cintra, felizmente aqui entre nós, meu mestre e grande amigo.

1. Propus-me, à partida, duas formas de abordagem da questão "interdisciplinaridade na FL". A primeira surge da vontade relativamente autónoma de considerar a interdisciplinaridade possível na FL. A segunda nasce da constatação da existência, ainda que pouco consistente e, por assim dizer, "subterrânea" de práticas interdisciplinares nesta escola.

Ambas as formas introduzem, contudo, mais do que uma proposta de relacionamento teórico, uma interacção, necessariamente subtil, entre o espaço aberto do futuro e as limitações do presente. No entanto, e ainda que visivelmente desordenado, o presente encerra já, em si próprio, as coordenadas da interrelação disciplinar que é a própria natureza do desenvolvimento.

Numa primeira instância parece pertinente perguntar como é possível pôr a questão da interdisciplinaridade quando a investigação disciplinar é praticamente inexistente ou, a existir, não parece destinada a grandes sucessos.

Detive-me, por um momento, na investigação que se tem feito.

Os recursos nacionais, em matéria de investigação não permitem assegurar, material e significativamente, projectos básicos em cada área de saber. Projectos globais e generalizantes não têm racionalizado quer o investimento de tempo, quer a energia humana, quer o dinheiro gasto.

Se, teoricamente, a investigação disciplinar de base é ponto de partida para o alargamento do saber, na prática, e no nosso país, grande parte do conhecimento científico é importado. O risco que se corre não

é tanto o de "dominação" pelos modelos teóricos estrangeiros mas o da transposição pura e simples, para a realidade portuguesa, de processos de desenvolvimento que, retirados da sua zona de origem, pouco ou nada significam no nosso plano nacional.

Por isso, para nós, não se trata tanto de encontrar as formas de inclusão numa investigação de ponta mas de sabermos identificar quais os princípios que regulam, manifesta ou latentemente, a importação de saber e, de entre eles, distinguirmos as prioridades.

Definir objectivos claros, a nível do país, na área da investigação passã, naturalmente, por apanharmos o comboio do saber conquistado por outros mas passã, também, ou terá de passar, pela reconversão do sa ber em função das nossas próprias necessidades.

Não nos sentimos necessariamente dominados por imperialismos culturais e tecnocratas se, na nossa capacidade, estiver a capacidade de gerir os recursos existentes, com os dados de que podemos e devemos dis pôr, em função de projectos adequados.

Projectos de investigação que permanentemente se organizam em torno de questões gerais dificilmente realizam, na prática, a adequação necessária. Ao prolongarem-se no espaço e no tempo, adiam o país e semeiam insatisfações constantes nos que neles participam.

Nos últimos anos, a investigação em Portugal parece ter dificuldade em distinguir entre política e planeamento. Na ausência de uma política global, são os próprios projectos que sentem necessidade de a formular. Na ausência de planeamento, as perspectivas não vão além dos planos de auto-preservação.

Tem-se vindo a observar um crescente descrédito da investigação, com a conseqüente desmotivação e despromoção dos próprios investigadores.

Leitura semelhante se poderia fazer no campo didáctico-pedagógico das universidades e da Escola em geral.

Fundação Cuidar o Futuro



A ausência de uma política global de ensino e a indefinição de objectivos específicos disciplinares e interdisciplinares têm desacreditado a formação universitária, quer a nível dos alunos, que dela esperam melhor e mais alargada preparação para o mundo do saber e do trabalho, quer a nível dos professores, que nela desejam produzir ou contribuir para a produção de novos saberes e se sentem limitados pela reprodução simples de valores já existentes.

Um ensino universitário que, de forma mais ou menos óbvia, se faz recorrendo quase exclusivamente aos manuais, tende a propagar e a perpetuar como "normal" i.e., como definitivamente adquirida e escrita (por tanto acabada) uma estrutura que está, de facto, em constante movimentação.

A corrida para a chamada "actualização" dos professores e dos alunos, nomeadamente nas bibliografias (que, aliás, escasseiam), tanto dá lugar à ilusão de integração num movimento que, ao ser realizado por outros, de facto nos escapa, como nos pode inclusivamente retirar, por incapacidade real de extensão do tempo e de atendermos a tudo, a vontade de arriscar criar algo de novo a partir de nós e do que temos.

A "actualização" constitui por vezes alibi para a manutenção e conservação de um dado estado de coisas.

Como é também alibi esperar que cada ciência atinja níveis sofisticados de desenvolvimento para, só então, admitir as vias dos possíveis interrelacionamentos.

O alibi falha, no entanto, quando abertamente deparamos com a existência de interrelações produtivas em níveis menos desenvolvidos ou menos sofisticados das ciências, e de maior indefinição das comunidades científicas.

Kuhn mostrou, penso que inequivocamente, que o desenvolvimento da ciência não se faz por acumulação de conhecimentos, mas sim pela transformação dos princípios que organizam o conhecimento.



E, a propósito, deixo no ar uma questão deliberadamente provocatória:

- Estaria nesta mesma altura a FLL preocupada com a questão de interdisciplinaridade se não existissem actualmente Universidades com maior capacidade de atenderem, entenderem e assegurarem um desenvolvimento da produção neste sentido?

Especificando, numa linguagem mais próxima de Thomas Kuhn:

- Será que os paradigmas interiores às Faculdades de Letras não estão francamente ultrapassados pelos paradigmas oferecidos pelas Faculdades de Ciências Humanas, nomeadamente?

E ainda:

Estará a FL disposta a admitir a sua complexidade e apta a lidar com uma visão não só interdisciplinar mas transdisciplinar?

Não é possível falar em relação interdisciplinar se não se tiver em conta o seu carácter multidimensional.

A interdisciplinaridade aponta para dimensões que ultrapassam o campo intrínseco do desenvolvimento científico. Neste sentido, a interdisciplinaridade é um pressuposto de uma política global que integra: - instituições oficiais e privadas de coordenação e apoio à investigação e ao ensino; relações com a comunidade (mesmo na distinção entre objectivos de produção e objectivos de consumo); ordenamento e planeamento a nível internacional, em função das comunidades em que, por razões culturais e de desenvolvimento, estamos integrados.

É nesta relação multidimensional que me parece encontrar-se o significado da estrutura do saber, nomeadamente:

- reconhecer a definição de cada disciplina, pela capacidade de constantemente ser redefinir;
- admitir a articulação entre disciplinas, pela capacidade de se criarem novas estruturas curriculares;
- avançar para a <sup>e)</sup>reestruturação curricular, pelo constante reconhe-



cimento do seu grau de adequação ao mercado de trabalho;

- integrar o planeamento num modelo global de desenvolvimento, tendo em especial atenção os recursos humanos e o sistema de ensino.

Será, portanto, de colocar abertamente a questão do significado da interdisciplinaridade nas Faculdades de Letras?

Eu diria que sim se, e só se (desculpe-se-me a apropriação da linguagem da lógica):

- para a definição de Faculdade de Letras houver capacidade de redefinição departamental enquanto unidades de investigação e ensino que compreendem comunidades científicas (i.e., específicas de cada ciência e não de cada área cultural);

- se, para a articulação entre departamentos, for desde já possível, não só a interdisciplinaridade, mas a transdisciplinaridade, quer a nível das licenciaturas, quer a nível dos mestrados, quer, ainda, a nível de projectos de investigação;

- se, para a validade das estruturas curriculares das licenciaturas, se encontrar uma séria viabilização nas saídas profissionais;

- se, para a pretendida autonomia universitária, corresponder maior especificação e concretização dos objectivos de investigação e ensino que reponham, nas comunidades científicas, uma consciência de serviço útil à população e, na população, e nas instituições, o reconhecimento da utilidade desse serviço.

No momento actual, talvez valha a pena promover o conceito de transdisciplinaridade (cf. Edgar Morin ). Ou seja, um paradigma que permita, por um lado, distinguir, separar, opôr as várias áreas científicas mas que, simultaneamente, permita a sua comunicação sem operar uma redução. Isto é, que simultaneamente assegure a distinção e permita a organização da complexidade.

Talvez seja agora a altura de encarar a 2ª forma de abordar a in-



terdisciplinaridade já existente, ou até agora existente, na FLL, tendo como base a área da Linguística enquanto ciência.

Em primeiro lugar, talvez pareça demasiadamente ingénuo afirmar, mas mais vale prevenir..., que a Linguística não aparece na FL como resultado de acumulação de conhecimento na Filologia. Para que não haja qualquer dúvida, basta ter presente que a Linguística, enquanto ciência, foi introduzida na FL no final dos anos 50, ~~fruto~~ talvez de todo um movimento que pôs em causa a então vigente organização do conhecimento, não só na Faculdade mas na própria sociedade (e estou a lembrar-me especificamente das lutas académicas de 62 e 68-69 que, no interior da Universidade e a partir dela, integravam e reflectiam todo um movimento socio-político e cultural anti-facista).

A Linguística, repito, não veio de modo algum sobrepôr-se à Filologia. Ainda hoje, passadas duas décadas, o actual departamento de Linguística conta com docentes e investigadores que reivindicam a designação de filólogos, tendo estado, no entanto, na base da reorganização científica neste campo.

Professores e investigadores que individualmente e intuitivamente puseram em marcha e em prática a transdisciplinaridade que a própria Filologia permitia.

A Revista Lusitana, o Boletim de Filologia e a própria Revista da Faculdade são bons exemplos dessa comunicação.

Quer isto dizer que, a um dado momento do conhecimento, foi natural relacionar Filologia com Geografia (em ramos como a dialectologia, geografia linguística, etnologia), como parece ainda hoje incontestável a natural relação entre a História da Língua e a História da Cultura.

Relações naturais que, no entanto, sustentaram relações entre indivíduos, eles próprios tidos como a personificação dessa relação natural.

Hoje em dia a personificação é a marca mítica de um momento e de um modelo de desenvolvimento científico insustentados e insustentáveis.

Fundação Cuidar o Futuro



A questão que se põe é esta: - na ausência ou na ineficácia das relações individuais, que relações são susceptíveis de criar a nível dos organismos e das instituições?

Ao nível científico tais relações podem até, com mais razão, considerar-se naturais. A transdisciplinaridade, da acção exterior passou, de certo modo, para o interior das próprias ciências. A formalização é bom exemplo dessa interiorização enquanto princípio comum, mas simultaneamente caracterizadora da distinção e consequente fechamento de cada uma das ciências.

E actualmente ninguém nega a relação natural e devida entre Linguística e Filosofia (ao nível da Lógica Formal ou da Filosofia da Linguagem), entre Linguística e Psicologia (ao nível da Psicolinguística, da Aquisição da Linguagem e da própria Didáctica das Línguas) entre Linguística e Sociologia (ao nível da Sociolinguística, nas áreas específicas de Variação Linguística Regional e Social, na Política da Língua), entre Linguística e Informática (na relação, cada vez mais trabalhada, entre línguas naturais e formalização).

E isto para citar apenas alguns exemplos.

Pergunta-se então: - que transdisciplinaridade queremos na FLL? Quais os níveis da possível interdisciplinaridade? Quais as formas e os modos da articulação disciplinar?

E uma coisa apenas parece já assente. Não é voltando para trás que andamos para a frente. Voltar atrás seria, quando muito, a tática possível na saída de um labirinto. E, neste momento, não é de um labirinto que se trata. Um labirinto só tem uma saída. Nós, temos várias. Se fizermos cruzar os nossos percursos. Ou melhor, se os quisermos cruzar.



Isabel Hub Faria



Faculdade de Letras, 23 de Maio de 1984